O Retrato Autêntico de Maria Santíssima

GUARINO ALVES

Ao Gen. Raimundo Teles Pinheiro e ao Dr. Mozart Soriano Aderaldo.

Saulus, de Nação judeu da tribo de Benjamim, natural de Tarso, na Cilícia, fariseu educado na escola de Gamaliel, em Jerusalém, mas cidadão romano, converteu-se ao Cristianismo no ano 35. Em Troades manteve relação com o politeísta Lucas, nascido em Antioquia, e, segundo se admite, médico e pintor. Depois da decapitação de Saulo na via Ostiense, em Roma, a 29 de junho de 66, esteve Lucas doutrinando na Grécia, e, em Patura, morreu martirizado. Confidente de Miriam da tribo de Judá e da real casa de David, mãe de Jesus, avocou o discípulo de São Paulo a iniciativa de pintar-lhe o semblante. Do autor de **Ato dos Apóstolos** contam-se aproximadamente seiscentos quadros, alguns dos quais restaurados no século XIV, conforme apregoam as tradições orais que se processam sem contudo apresentarem provas substanciais. Ao meio de muitas pinturas atribuidas a São Lucas citaríamos as de Roma: **Santa Maria in Trastevere, Santa Maria in Via Lata** e **Santa Maria Maggiore,** mas não se pode dizer que expressam fielmente os traços fisionômicos de Maria Santíssima.

Antigos também, anônimos e sem datas, são os afrescos encontrados em cemitérios subterrâneos de Roma, catacumbas notáveis como as de S. Calixto, Santa Inês, S. Valentino, Santa Felicita, S. Castulo, S. Lourenço, Vaticana, Comodila, Vinha Máxima, Domitila e Priscila. Muito interessante é o medalhão de vidro dourado que se guarda em dos museus italianos, obtido de um **locus** do cemitério de Santa Inês. A Virgem aparece ao natural. Tem à direita

S. Paulo e à esquerda S. Pedro. O delineamento das figuras, doirado, contrasta com o verde das pregas dos vestidos. Os evangelistas, trajados a romana, de cabelo curto e ros raspado, estão descalços. Apontam com o indicador o lado esquerdo, dir-se-ia mostrando o caminho do apostolado. Maria, de cabelo repartido ao meio, guarnecido de meia-coifa, estende os braços lateralmente, postura comum nas imagens modernas e comprovada na aparição de Lourdes. Ladeiam-lhe a cabeça dois rolos de papiro, símbolo da evangelização dos povos.

Além dessa pintura originalíssima intitulada: MARIA PETRVS PAVLVS, ressalte-se um outro loculo decorado em arco no qual figura a Senhora e a Criança. Trata-se de um **arcosolium**, modelo suntuoso de sepultura. Atribui-se a Maria Santíssima esse retrato **in** busto. A Senhora protege-se com longo veu e conserva as mãos espalmadas em oração, ladeada de monogramas, um **P** sobreposto a um **X**, que significa: **Pax Christi.** E se ainda estamos na catacumba ou **coemiterium** de Santa Inês, convém citar o medalhão dessa gloriosa mulher sacrificada por ordem de Décio no ano 250. A santa, ao natural e de braços estendidos surge circundada de duas pombas sustentando no bico as coroas do martírio e da glória: — ANGNE. Quanto à Virgem Santíssima não esqueçamos o afresco de Priscila. Sentada, amamenta a Jesús, assistida por um apóstolo identificado como S. Marcos. Porém o desenho mais adequado à sua personalidade é o da contemplação. Conserva os braços erguidos para o céu, perto de uma árvore em cujos ramos repousam pássaros quiçá expressando as almas cândidas e pacíficas. (1)

* * *

Tema vez por outra versado entre os estudiosos da pictórica religiosa: a influência étnica. Mormente se o assunto interessa à mãe de Jesús. A cor da cutis, do cabelo e dos olhos varia segundo a imaginação e a medida etnocentrica do artista. Tratando-se de nórdico a escolha é para

a epiderme branca. Cabelo loiro e olhos azuais. O peninsular geralmente se inclina entre o branco e o moreno. Olhos castanhos ou negros e cabelos pretos. O indostânico prefere a cutis amarela e também azeitonada. Cabelo negro corredio. O africano, unicamente a do ébano. Cabelo encarapinhado entre as populações essencialmente negras e talvez encaracolado entre as abissínias de origem ariana. Daí porque as telas de Maria Santíssima, antigas e recentes, conservadas em igrejas e museus, têm de per si características étnicas peculiares As Nossas Senhoras asiáticas e africanas são assim um forte contraste com as européias e americanas. Haja vista por exemplo a Virgem loira, de linhas suaves, de Alessio Badovinetti, **A Virgem e o Menino**, e a preta de lábios grossos, nariz chato e maçãs salientes, que em nada difere do tipo comum negroide, de autor desconhecido, incluida na Exposição Vaticana do Ano Santo de 1950 como produção congolesa. (2)

A variedade de cores e de expressões fisionômicas não deixa de ser obstáculo à concepção que se deseje alimentar acerca do semblante da Virgem. E o mais curioso: nessa continuidade de retratos e esculturas através dos séculos impõe-se considerar a feiura e a beleza, a simplicidade e o luxo de cada uma dessas obras imortais. Feia, por exemplo, é a imagem em madeira de **Nuestra Señora de la Paz**, de Segóvia, Espanha, do século XIV, depois revestida de prata, exceto o rosto e as mãos. Está sentada com Jesus de pé sobre o joelho esquerdo. Pisa triunfante o dragão. No mesmo caso a **Virgem del Pilar** e seu filho, em barro cozido policromado, do século XVI, obra de Pedro Millán. Pertence à Catedral de Sevilha. O pedestal e os anjos são acrescentamentos do século XVII. Porque veneramos, conceito muito diferente de **adorar**, as imagens dos santos, não faltam a admiração e o zelo e o carinho pelas Nossas Senhoras feias ou antiestéticas enfileiradas às obras primas. À margem do plano sentimental-religioso as **feias**, de modo quase geral antigas de séculos, assumem um caráter de

prioridade **histórica** e entram para o acervo de relíquias analisadas pelos especialistas em arte sacra. Um exemplo ilustrativo: a **Virgem e seu filho,** eslovena, esculpida em madeira policromada e que remonta ao ano de 1480.

Seja como for ninguém pode esconder a preferência pelas imagens cujos traços fisionômicos mais se aproximam do humanamente belo. E em virtude disso, esquecer quem pode, a **Virgem de la Esperanza** e a **Señora de las Dolores** madrilenses? todos desejamos ver uma Maria Santíssima linda. O belo exprime a face de Deus, assim como os astros expressam a sua grandeza e poder. A mãe de Jesus, em que pese às discrepâncias dos artistas que a retrataram, era bela, meiga e generosa, sem que lhe faltasse a alegria criadora pelo efeito de uma contínua contemplação e fidelidade ao Senhor Pai de Todas as Coisas.

A propósito de antiestetismo — a feiura não diminui e nem elimina o amor porque enfim tudo provém de um estado de espírito fundamentado na fé, na esperança e na caridade, na conscientização mesma de um belo sobrenatural, nada há mais interessante do que transcrevermos um tópico da belíssima crônica de Dom Marcos Barbosa, intitulada **Nossa Senhora Feia,** baseada em um conto famoso de Guareschi:

> "Péguy imagina, no seu incomparável poema sobre Nossa Senhora das Dores, para significar todo o seu sofrimento, que ela envelhecera uma eternidade, que ela se tornara feia, horrível de ver-se. E essa possibilidade de Nossa Senhora feia (contra a qual protestou logo Raíssa Maritain, magoando o poeta tão amigo das duas judias), vamos encontrá-la também, em efígie, num dos deliciosos contos de Giovanni Guareschi.,
>
> A primeira vez que Dom Camilo — **in illo tempore** — tinha entrado na igreja ficara profundamente chocado com a feiura da imagem de mais de dois metros e tomara a decisão de substituí-la. Mas tratava-se

de uma obra de barro cozido de 1693, e mostraram-lhe a data gravada na base. "A Nossa Senhora feia é uma imagem histórica!" O que mais doía a Dom Camilo era ver chamarem desse modo a Mãe de Deus, e ia queixar-se de vez em quando ao Cristo do altar-mor, querendo pô-lo em brios e conquistá-lo para o seu lado. Mas a resposta era sempre a mesma: "A verdadeira beleza, Dom Camilo, não é a do rosto, que desaparece e volta ao pó. A beleza da Mãe de Deus é antes de tudo interior: a de sua alma. Nada pode atingí-la ou corrompê-la." Dom Camilo dizia: "Amém", mas o espinho continuava em seu coração. Veio a guerra, fez ruínas por toda parte, mas deixou a imagem intacta. Quando Dom Camilo acabou de reformar a Igreja, desabafou-se mais uma vez com o Cristo e obteve a resposta de sempre. Dessa vez Dom Camilo não disse "Amém" e comunicou ao povo que a procissão daquele ano seria longa demais para levarem a imagem no andor; iria numa camioneta ornamentada por ele próprio. E foi. O caminho era novo e ruim. Nossa Senhora nunca fizera viagem tão incômoda! A certa altura, o barro, onde Dom Camilo tivera o cuidado de fazer algumas rachaduras, esboroou-se, e todo o povo pôs-se a gritar: "Milagre!" Dom Camilo não se continha de espanto e alegria: como um fruto liberto da rude casca, emergira de súbito, numa núvem de poeira, uma bela Virgem de prata que se julgava perdida e que a terrível camuflagem, propositadamente feia, salvara da cobiça dos bárbaros que haviam passado pela região desde 1690...

Também sucede à Igreja algo semelhante. Muitos se desperam às vezes com sua crosta de barro e esquecem que ela é, na verdade, sem ruga nem mancha."

Em matéria de beleza basta lembrar as telas de Botticelli e Rafael, Da Vinci e Alexandrino, e mui especialmente a Virgem de **Adoração dos Magos**, de Cristóvão de Figuei-

redo, que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Em suma, nunca enumeraríamos as numerosas, incontáveis obras primas existentes nos quatro cantos do mundo. Contentemo-nos por conseguinte com algumas delas escolhidas ao acaso. Com a **Pietá** de Miguel Ângelo, insuperável escultura de todos os tempos. Com a simplicidade da pequenina jóia de Della Robia, **Madona de Joelhos**, mimosa imagem em que prevalece o sorriso meigo de Miriam de mãos postas. E assim também, mas pelo aspecto da fenomenologia, extra-terreno, a tela de **Nuestra Señora de la Misericordia**, cópia da que pertencera à Igreja da Companhia de Jesus do porto de Callao, que suou e chorou no dia 29 de setembro de 1675, conservada na Colegiata de Villa-garcía de Campos. Como dissemos não se pode consignar os milhões de belas imagens e retratos de Maria Santíssima, relevos e painéis. Nossas Senhoras tristes, sorridentes, bonitas e feias, antigas e modernas, talvez na maioria maternais e carinhosas como se observa no relevo de mármore branco do florentino Nicolau, do século XV, da igreja dos Franciscanos na Croácia.

* * *

Poderíamos incluir na relação de imagens excepcionalmente belas as das paróquias de Madri. Excetuada a igreja de Santa Mônica, na Calle General Mola, de aspecto ultra-moderno, sem profusão de imágens, sem aquele transcendental perfume de santidade que caracteriza os outros templos da metrópole, pode dizer-se que, Maria, **Miryam** ou **Mariammê** é o maior atrativo aos olhos do madrilense. Algumas dessas imagens, Virgens e Madres, são de ordinário morenas, formosas, às vezes vestindo suntuosos mantos dourados ou prateados. Impressiona a de **Nuestra Señora de las Dolores**, da igreja de San Pascual, na Calle de Acalá. Há nesse templo uma placa de mármore com os seguintes dizeres: "**S. S. el Papa Leon XII á instancia de S. M. la reina regente D.ª Maria Cristina Reniero** (Q.D.G.) se ha dignado conceder el **Subileo perpetuo de cuarenta horas**

para esta iglesia de N. S. Pascual de Madrid el dia 23 de enero de 1889." Na Paróquia de San José, por exemplo, deparamo-nos com uma **Nuestra Señora de la Salud,** vestida de branco, com mantilha e coroa. No braço direito, Jesus. Na mão esquerda uma rosa vermelha. Muitos desses templos madrilenses jazem mergulhados na penumbra, apenas iluminados pelos círios que os visitantes acendem nas capelas laterais. Observa-se isso mais acentuadamente na Paróquia de **Nuestra Señora de la Concepción,** na Calle de Goya. Belo templo, muitas vezes por nós visitado porque ficava um tanto próximo do **Hotel Fenix,** onde nos hospedamos. No cume de sua torre assenta uma grande estátua da Imaculada. No fronstepício há uma placa de mármore: "**José Antonio Primo de Rivera Feligneses caído por Dios y por España. PRESENTES**". Relembrança da guerra civil. Detrás da porta de proteção — a entrada e a saída se processam por duas outras menores, à direita e a esquerda, topa-se com um biombo: "**Domus Dei Porta Coeli.**" No altar-mor, em grande altura, pontifica a santa Madre vestida de manto dourado.

Dessa peregrinação pelas igrejas de Madri resultou descobrirmos uma linda imagem na Paróquia da **Plaza de Roma.** Era uma manhã fria de dezoito graus, de céu primaveril nublado, 13 de junho de 1975. Entramos no templo justamente quando se iniciava a missa ao som de um órgão. Enveredamos pelo corredor da esquerda e adiante nos deparamos com o altar de **Nuestra Señora del Henar,** com a inscrição ao lado: **Yo-soy-la-inmaculada-Conceición.** Prosseguimos até uma capela onde estava depositado em caixão de vidro **Nuestro Señor Muerto.** No altar grande vimos a linda imagem de Nossa Senhora da Paixão — **de las Dolores,** morena, cabelos negros, vestindo um manto prateado com arabescos escuros. Lágrimas brilhantes lhe desciam no rosto congestionado pela dor. Deixada a capel e já perplexos ante o altar central em cujo nicho se via a Santíssima Virgem com Jesus no colo voltamo-nos nos cal-

canhares atraídos por inesperada claridade. No princípio do corredor havia uma capela intensamente iluminada por dúplice carreira de longas velas artificiais, e, detrás, em plano elevado, fitava-nos a **Virgen de la Esperanza**, reprodução natural da que existe no bairro de Macarena, em Sevilha. Dirigimos o passo até alí, sem preocupar-nos com a leitura do Evangelho, e paramos em seguida, a pouca distância da estátua de São Francisco de Assis. A perfeição do rosto moreno é digna de louvor. Os cílios negros como que vivificam o olhar melancólico da santa, em cuja cabeça recoberta por uma mantilha levemente amarela, às vezes, parecendo branca, ou rósea, assenta uma coroa de oiro com resplendor. A impressão é que ela exprime o desamparo íntimo de quem perdeu nesse dado instante o próprio filho — Jesus. Mantém-se estática, de lábios entreabertos, as mãos suspensas diante do peito, enquanto as lágrimas escorrem como gotas de pérolas.

Então, vêm o consolo e a homenagem dos filhos diletos, que lhe pedem que se acalme, e coroando-a, e galardoando-a com anéis de esmeralda e rubi, põem-lhe ao pescoço um colar; e não satisfeitos acrescem-lhe uma medalha de oiro com sua efígie e uma espada fidalga; e na mão lhe colocam um terço; e finalmente, mais cinco estrelas verdes no colo, e exclamam: **Tu és o nosso consolo e única esperança!**

* * *

Mas, como a princípio dizíamos, o essencial é conhecer o semblante de Miryam, ou por outra, as cores do cabelo e dos olhos, se era alva ou morena. Descrevê-la por intermédio dos artistas não compensa. Santa Catarina Labouré, Irmã de Caridade, que a viu por três vezes, afirmou: "sa **taille était moyenne et sa figure si belle, qu'il me serait impossible d'en décrire la beauté.**" (3) Seja como for, é ponto pacífico: a Rainha dos Anjos e causa de nossa alegria transmitiu à humanidade seus traços fisionômicos em fotografia miraculosa — **achiropita**, de 1531.

Distante duas léguas da vila de Guadalupe, na Serra Madre ocidental do México, morava com seu tio e pai adotivo, Juan Bernardino, o índio Juan Diego, que, há dois anos, enviuvara de sua esposa Maria Lúcia, casal sob certo aspecto muito feliz, pois se unira sob as bençãos do Pe. Molina ou Motolina. (4) Trabalhava Diego para Fr. Juan de Zumárraga, ex-abade de Abrojos de Valladolid, bispo eleito do México, cuja Diocese dependia sufragraneamente da Arquidiocese de Sevilha. Numa manhã de 9 de dezembro de 1531, caminhando através do monte de Tepeyac, com o intuito de assistir a missa na vila, surpreendeu-se Diego com estranha música deluindo-se na atmosfera. De repente apareceu-lhe uma linda jovem, logo identificando-se como sendo a Mãe de Deus, e pediu-lhe que transmitisse a Zumárraga esta mensagem:

> **"Deseo vivamente que se me erija aquí un templo, para en el mostrar y dar todo mi amor, compasión, auxílio y defensa, pues yo soy vuestra piadosa madre, a ti, a todos vosotros juntos los moradores de esta tierra y a los demás amadores mios que me invoquen y en mi confíen; oír allí sus lamentos, y remediar todas sus miserias, penas y dolores."**

Zumárraga, porém, não considerou a mensagem, e de volta o índio Diego contou-lhe do pessimismo do frade, ficando ambos certos de se encontrarem no mesmo lugar, na manhã seguinte. Repetiu a Virgem o pedido, no dia 10, mas sem resultado. Disse-lhe Diego que o padre só acreditaria se houvesse uma manifestação positiva. Ele, um índio, não merecia crédito. Por que a Senhora não procurava uma pessoa de projeção? a Virgem explicou-lhe que era ele o **escolhido**, e portanto voltasse ali no dia imediato. Chegou o dia 11, menos Diego, que ficara assistindo o pai, gravemente enfermo. No dia 12 cruzava ele a colina, muito

aflito, em busca de padre para dar a extremaunção ao tio, em lugar diferente das aparições, mas nem porisso evitou que a Señora lhe fechasse o caminho: **Aonde vais?** perguntou a linda jovem. **Ouve e compreende, menor dos meus filhos, que nada existe do que te assusta e aflige; não se perturbe o teu coração; não temas essa enfermidade nem qualquer outra enfermidade ou angústia. Não estou eu aqui, que sou tua Mãe? Não estás debaixo de minha sombra? Não sou a tua saúde? Não estás porventura em meu regaço? Que mais necessitas? Não te entristeças nem te aflijas. Não te preocupes com a enfermidade de teu tio, que dela não morrerá agora. Asseguro-te que já sarou."** (5) Depois mandou-o colher flores no cimo da colina. Mas ali não havia flores, o terreno era áspero, pedroso, e estava-se no inverno, retrucou o índio. A Virgem levou-o até lá e mostrou-lhe um roseiral. Colheu muitas rosas, colocando-as na capa de Diego, suspensa pela borda, e disse-lhe que não as mostrasse a ninguém, exceto a **Fr. Zumárraga.** O bom frade, ao receber o presente, boquiaberto porque não se cultivava rosas no México, e mais ainda, sobressaltado ante um maior milagre, porque na capa de Diego estava impressa a imagem da Virgem ao natural, caiu de joelhos preso de grande emoção. Mais tarde, de regresso ao lar, o índio descubriu que no sítio da aparição surgira uma fonte, **El Pocito,** como ficou conhecida entre os habitantes.

* * *

A Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, Rainha do México e Imperatriz da América, originária da capelinha fundada em 1531, tem grande pátio externo, um pouco menor que o da Basílica de São Pedro. Nele se ergue um altíssimo portão com os dizeres: **BENEDICTOS FRUCTOS VENTRES.** A capela das aparições demora no Tepeyac, justamente o lugar onde existiu um templo asteca, erigido a **Tonantzin,** virgem e deusa da Terra e do Milho, arrasado pelos espanhóis.

No altar-mor da Basílica conserva-se a capa de Juan

Diego com o retrato da Virgem, protegido por um vidro de cristal. Em 1971 um operário que limpava com ácido nítrico a moldura deixou virar uma garrafa, derramando-se o líquido na imagem, porém não lhe destruiu as cores, por milagre. Paulo Seabra, no seu excelente trabalho sobre o retrato da Viagem, ressalta:

"A julgar pelas mãos e pela região entre o pescoço e o manto, Nossa Senhora não apresentava a extremada magreza hoje tão nocivamente em voga. Feições, penteado e indumentária, são da mulher palestinense, inclusive a forma de coifa com que o manto cobre a cabeça, como ainda de hábito naquela região. (6)

Os artistas exaltam a harmonia de linhas, tanto do rosto como do corpo, a beleza excelsa e o colorido, que não conseguem imitar. Os mexicaons, em seus arroubos de patriotismo, exageram as cores nas reproduções e se referem à "Virgem Morena", mas a única afirmação possível é não ser loura. De resto, nem se conceberiam cabelos dourados nascidos e vividos sob o sol causticante da Palestina, como bem acentuou o Padre Vieira em um de seus belos sermões. (7) Os olhos são muito claros, para o que chama atenção o insigne jesuita mexicano Cuevas, de cuja obra, data vênia, reproduzo a primeira fotografia deste trabalho, à p. 9, a mais fiel e límpida que encontrei, de autoria de D. Manuel Ramos. Está reproduzida na proporção de 1/2 das dimensões da imagem.

Duas peças formam a capa do índio, unidas por uma costura, sobre a qual passa o retrato, como se ela não existisse.

O tecido é tosco, áspero, feito com fibras de pita (Manguey), como afirma a tradição e confirma a análise histoquímica de alguns fios, procedida em 1946, no Instituto Nacional de Chapultepec, por Isaac Ochoterena, graças à iniciativa do insigne guadalupano Garibi Tortolero. (8)

Pintores dos mais qualificados, professores da Universdade, de renome internacional, declararam sob juramento:

em algumas partes, o retrato parece a óleo, mas não o é; em outros pontos, parece aquarela, mas também não o é; nenhum tecido pode, aliás, ser preparado ao mesmo tempo para aquarela e óleo, e aquele não tem qualquer preparo; as partes douradas parecem ter o pigmento das mariposas, mas diferem, pois o dourado não é superficial e sim está no âmago da fibra; os ornamentos da túnica são formados por uma linha dourada acompanhada por dois fios pretos, da finura de um cabelo e num paralelismo impecável, para o qual, em tecido tão rústico e sem preparo, é incapaz a mão humana.

Com tais depoimentos, uniformes nos pontos importantes, prestados em diferentes épocas, firmados por vinte e cinco cientistas e mestres da pintura, inclusive um norte-americano, e após suas sempre exaustivas e exigentes investigações, o Cabido do Vaticano autorizou, em 1740, a coroação daquela imagem e, em 1751, Bento XIV aplicou à mesma o versículo 9 do Salmo 147 de David, dizendo que Deus "não fez assim a todas as outras nações", versículo este que ficou sendo o "Communio" da Missa de 12 de Dezembro, comemorativo do Milagre.

Essa declaração pontifícia importou na inclusão da imagem recebida no Tepeyac na classe das aquiropitas (não feitas por mão humana) sem paralelo com outro retrato que nos foi legado pela Providência, mas de formação não milagrosa, o de Jesus, no Santo Sudário." (9)

* * *

Na fotografia estampada por Seabra, a Virgem parece ser morena e de cabelo negro. Todavia não se deve generalizar aquele conceito do Pe. Vieira, sobre a não concepção de cabelo loiro a pessoa nascida sob o clima cáustico da Palestina. Haja vista Jesus, que era loiro e d'olhos azuis. Publius Lentulus, predecessor de Poncio Pilatos na Judéia, descreve-o em carta dirigida a Tibério César, nestes termos: **"O cabelo dele até à altura das orelhas é da cor das searas quando maduras, emoldurando divinamente a sua fronte**

radiosa de jovem mestre; caindo em anéis reluzentes, espalham-se pelos seus ombros com uma graça infinita, sendo então de uma cor indefinível, como o vinho claro e brilhante. Ele o traz apartado ao meio por uma risca à moda dos nazarenos. A barba é da cor do cabelo e não muito larga e também dividida ao meio. O olhar de paz é profundo e grave, com reflexos nos olhos de várias cores, e o mais surpreendente é que resplandecem! As pupilas parecem os raios do Sol. Ninguém pode fitar-lhe o rosto deslumbrante." Por outro lado parece um tanto desconforme o fato de Maria Santíssima ser morena e ter olhos azuis. Entretanto, na fotografia os olhos são claros, certamente azuis, conforme o testemunho de Santa Bernadette Soubirous, como refere Meunier: "**Según Bernadette, los hojos de la Virgen eran dulces, cariñosos, de color azul.**" (10) Aparentaria ter dezesseis a desessete anos de idade. Seu corpo imaterial adquirira essa jovialidade, visto que, se Jesus falecera aos trinta e três anos, Miryam tinha nessa época idade muito mais avançada. Porém a sua beleza excelsa foi presente na vida terrena, como aduz Publius Lentulus. Referindo-se ainda a Jesus, diz:

> "O seu porte é muito distinto. Possui encanto e atrai os olhares. Tão belo o quanto pode um homem ser belo, ele é o mais nobre que imaginar se pode e **muito semelhante à sua mãe, a mais famosa figura de mulher que até hoje apareceu nesta terra.**" (Grifo nosso)

Possuindo Jesus as qualidades naturais de sua mãe, é o caso de permanecermos perplexos: seria Miryam realmente morena e de cabelo negro como deixa transparecer o retrato da Basílica de Guadalupe?

Há várias reproduções a óleo do retrato achiropito, porém defeituosas e até acrescidas de detalhes absurdos. Por exemplo: a que se conserva no Museu da Colegiata de

Villagarcia de Campos, em Espanha, antiga sacristia de Capelães, de que nos dá notícia Demétrio Ramos. (11) Entende ele que se trata de obra executada em Espanha por um artista que não conhecia o México, no primeiro terço do século XVII. A santa aparece coroada na capa de Diego, além de tomarem parte no quadro com Zumárraga, outras personalidades históricas, que o autor identifica. Os traços fisionômicos da Virgem nesse **lienzo** são mais grosseiros que os da cobertura de barro da Nossa Senhora Feia do conto de Guareschi...

Quando estivemos visitando o **Instituto de Cultura Hispánica**, em Madri, a 17 de junho de 1975, a distinta bibliotecária Dona Ana Messia Jimenez aconselhou uma visita ao **Museo de América**, situado no mesmo quarteirão da Avenida de los Reyes Católicos. Atendemos e, com surpresa, deparamo-nos no Salão de Cristóbal Colón, primeiro **piso**, com dois grandes retratos de Nossa Senhora de Guadalupe a óleo. Um deles apresentava estes dizeres: **"Stª María Virgen de Goadalupe Patrona principale de Nueva Espana Lurada en Mexico en 27 de abril de 1737."** Assinava a pintura **Juan de San Pedro Flores.** O retrato da Virgem é feio, ela aparece coroada, mas tem valor histórico como relíquia. Paulo Seabra insere no seu livro **O Retrato de Nossa Senhora** uma fotografia do monumento erigido no jardim do Vaticano a Nossa Senhora de Guadalupe. Frei Zumárraga, ajoelhado, colhe as rosas caídas da capa de Juan Diego, na qual figura a imagem da Virgem. Diz o autor, que dois portugueses que estiveram no México, presentearam suas cidades de nascimento, Elvas e Barrocal, com cópias do retrato da Basílica. Mas pelo que Seabra conta, fundamentado em Fr. Agostinho de Santa Maria, que visitara Barrocal, perto de Viseu, onde foi fundado um Santuário, e que a respeito escreveu em 1703, a pintura discorda da de Guadalupe porque a Virgem, nessa tela feita aproximadamente em 1600, está coroada de estrelas.

* * *

O culto de **Nossa Senhora de Guadalupe** no Brasil é muito antigo, mas nem todo ele corresponde à Virgem do México. Com exceção de **Nossa Senhora Aparecida,** Padroeira de nosso país, cópia exata do retrato de Tepeyac, e de mais algumas esculturas antigas citadas por Seabra, os colonizadores adotaram de modo quase geral a Virgem da Espanha, encontrada por um pastor no **riachuelo** Guadalupe ou Guadalupejo, que sulca as terras apertadas entre os rios Tejo e Guadiana, no século XIII ou XIV. Essa imagem de Estremadura era de madeira. A Virgem, ao natural. sustem no braço esquerdo Jesus. Alfonso XI, atribuindo sua vitória na batalha do Salgado à intercessão da Virgem de Guadalupe protegeu o Santuário, aliás, Priorato, e desde 1389, Casa matriz da Ordem dos Jerônimos.

Frei Agostinho de Santa Maria, natural da Vila de Estremoz, em Portugal, faz referência à Nossa Senhora de Guadalupe de Espanha com imagem em rica Capela da Catedral da Bahia, provavelmente ali colocada em 1628. Diz ele no Título VI do **Santuário Mariano:**

"Da milagrosa imagem de N. Senhora de Guadalupe, que se venera na Sé.

A Milagrosa Imagem de N. Senhora de Guadalupe, que o mundo todo venera, se manifestou no sítio das Viluercas de Toledo, pelos anos de 1448 pouco mais ou menos. E com a sua manifestação, e grandes prodígios, que logo começou a obrar a mão de Deus, pelos merecimentos daquela excelsa Rainha da Glória, de quem é Imagem, se acendeo não só em toda a Espanha, & Portugal um grande fogo de devoção, para com este misterioso título, mas em o mundo Católico; porque nas Indias Ocidentais, & Orientais, se fundaram, & dedicaram à Senhora com este título muitos Templos, & Capelas, E na nossa Nova Lusitania, ou estado do Brasil se acham muitas igrejas, & Capelas dedicadas à mesma Senhora. E principalmente aquela de

que agora tratamos que é na Igreja Catedral da Cidade da Bahia, cabeça de todo aquele estado.

Esta Capela se vê junto à porta traveca, que fica na parte da Epístola daquele grande Templo. Nela se vê colocada a Imagem desta Senhora. Para com ela tem toda aquela Cidade uma grande devoção; & a Senhora lha aumenta com as maravilhas que continuamente obra, & mercés, que a todos reparte. Assim é buscada, & servida de uma grande Irmandade, que muito se esmera no seu culto, & obsequio. E essa Santíssima Imagem de escultura de madeira, & a sua estatura tão pouco mais de três palmos, & sobre o seu braço esquerdo se vê assentado o menino Jesus, & ambas as imagens de talha. Dos seus princípios já hoje senão sabe dizer nada; mas consta que foi colocada naquela sua rica Capela, & naquela Igreja no ano de 1628. Bem podia ser, que alguns Hespanhóis no tempo em q. Espanha possuira este nosso Reino, passando ao Brasil pela grande, & cordial devoção com que todos os Espanhóis amam a este prodigioso título, a mandassem fazer; & feita a colocassem naquela Capela, que então se lhes assinaria. E colocada a Senhora, lhe eregiram logo a sua Irmandade. Depois a mandaram cobrir de folha de prata, excelentemente lavrada, como hoje se vê. E esta Santíssima Imagem foi primeira, que se cobrio de prata; & à sua imitação, o mandaram fazer as outras Irmandades às mais imagens, que naquela Igreja se vem com semelhante adorno. Depois da Aclamação do senhor Rei Dom João o IV (sem dúvida faltando os espanhóis) se aproveitaram os pardos, cativos dela, pedindo-a ao Bispo, ou Cabido, & a Senhora de Guadalupe patrocinaria a sua devota perterição, para que a eles se entregasse o cuidado da sua Capela, & do seu serviço, que muitas vezes vemos, que os pobres são mais devotos, que os ricos. Tão boas diligências souberam fazer os pardos pobres, & cativos, que eles são hoje os Irmãos & Confrades da Virgem nossa Senhora de Guadalupe. Estes não tem menor devoção para

com ela: o que se manifesta no precioso adorno; & riqueza daquela Capela, muita prata, & muitos ricos ornamentos. Festejam a Senhora de Guadalupe os seus devotos Irmãos os pardos (ainda que pobres, & cativos) com muito grande devoção, & muita grandeza, em a Terceira Dominga de Agosto, com Sermão, & Missa cantada de Bairros Cura da Sé, em uma relação que nos fez por mandado do Ilustríssimo Arcebispo daquela Metrópole o Senhor Sebastião Monteiro da Vide." (12)

Em resumo, nem todas as "Guadalupes" do Brasil se correlacionam com a de Tepeyac. O mal é que, em documentos vetustos que tratam da Virgem se omite a naturalidade: de Espanha ou do México? temos por exemplo sob os olhos um registro de Data de Sesmaria, de 1718, passado na Cidade de Olinda, que principia assim: "**Snor capitam Mayor Diz avirgem Nossa Senhora de Guadalupe de oLinda q ella tem alguns gados nesta capitania**", etc. (13)

* * *

A imagem de Santa Maria de Guadalupe, de Toledo, **Reina de las Españas**, Patrona de Estremadura, talhada em madeira, exprime, assim, um esforço criativo essencialmente humano, ao passo que a de Santa Maria de Tepeyac, ou como preferem dizer os espanhóis: **Virgen de Guadalupe Hidalgo**, resulta, na afirmativa de Pio XII, como lembra Seabra, de "**pincéis que não eram cá de baixo**". Recebeu a Coroação Pontifícia a 12 de outubro de 1895, sob o reinado de Leão XIII, e foi declarada a 24 de agosto de 1910, por Pio X, Padroeira do México e Imperatriz da América.

Não cremos que exista qualquer obra de arte igual nos pormenores à do retrato **achiropito** da Basílica de Guadalupe. Nem os fabricantes de imagens se interessam pelo assunto. Imagens comerciais, sem brilho e inspiração. Virgens bonitas, algumas, feias, outras, morenas, alvas, loiras d'olhos escuros ou azuis. A primeira imagem de Nossa Senhora feita por um escultor de pulso, M. Fabisch, talvez mais aproximada da realidade, baseia-se nas apari-

ções de Lourdes, descritas por Bernadette, que sabia como ninguém reproduzir a mímica da Santíssima Virgem, o sorriso e a voz. Diria Fabisch: **"Jamás Fra Angélico, el Perugino, ni Rafael, plasmaron tan profunda y bellamente el rostro de la Virgen como el rostro de esta Jovencita, todo ternura, encanto y suavidad."**

Não conhecemos de perto a fotografia **achiropita** da capa do índio Juan Diego, exceto a que se reproduz mecanicamente no ensaio de Paulo Seabra, de autoria de D. Manuel Ramos, constante da obra do jesuíta mexicano Cuevas. A literatura específica acerca de Guadalupe, muito vasta, é de difícil acesso, como se observa na bibliografia de Seabra. Assunto mais de pesquisa, apaixonante, de erudição e de amor.

(1) Northcote (D. D.), Rev. J. Spencer, e Browmlow (M. M.), Rev. W. R. — **Roma Sotterranea or Some Account of the Roman Catacombs. Especially of San Callisto.** London, 1862.

(2) Seabra, Paulo — **O Retrato de Nossa Senhora.** Editora Vozes Limitada. Petrópolis, R. J. Rio de Janeiro — São Paulo, 1954.

(3) Baeteman, Joseph — **La Médaille Miraculeuse,** p. 16. Permanence Mariale, Paris, 1950.

(4) Sobre o Pe. Motolina, consulte-se Ana Gimeno Gomez, **El Consejo de las Indias y la Difusion del castellano,** p. 191. Rev.: "El Consejo de las Indias en el siglo XVI". Edição do Quarto Centenário da morte em campanha do Presidente do Conselho das Indias, D. Luís Mendes de Quixada. Universidade de Villadolid. Secretaria de Publicações. 1970.

(5) Seabra, **Ob. Cit.,** p. 26.

(6) William, F. — **Maria Mãe de Jesus,** p. 186. Livraria do Apostolado da Imprensa. Porto, 1946.

(7) Vieira, Pe. Antonio — **Sermões.** Vol. XII, p. 77. Francisco Alves (Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro). Indicação do Pe. Serafim Leite, **S. J.**

(8) Lic. Manuel Garibi Tortolero, informe epistolar, 21 de junho de 1953.

(9) Seabra, Paulo — **Imitação de Cristo à luz do Santo Sudário.** AGIR, Rio, 1950.

(10) Meunier, Jean — **Bernadette,** p. 74. Editorial Bruguera, S.A. Barcelona, 1974.

(11) Ramos, Demetrio — **Retrato de un Presidente del Consejo siendo niño, con su padre, el Virrey Velasco, en un lienzo guadalupano,** p. 211 Rev.: "El Consejo de las Indias en el siglo XVI", cit., 1970.

(12) Santa Maria, Fr. Agostinho de — **Santuario Mariano e Historia das Imagens Milagrosas, & das milagrosamente descubertas em as conquistas do reyno de Portugal, & principalmente no Arcebispado da Bahia, Em graça dos Prégadores, & devotos de Maria Santissima. Tomo Nono, Livro Primeiro: Das Imagens Milagrosas do Arcebispado da Bahia,** pp. 35/36. Lisboa, 1722.

(13) **Datas de Sesmarias.** Vol. 6.º (Sesmarias de 361 a 500). Publicado no Governo do Desembargador José Moreira da Rocha. Fortaleza, 1925.